

## **Pesquisa intervenção-formativa em Psicologia escolar: contribuições da Psicologia histórico-cultural em intermediação com a Pedagogia histórico-crítica**

*Fabiane Rizzo Salomão\**  
*Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho\**

**RESUMO:** Este artigo objetiva apresentar os resultados obtidos em uma pesquisa de mestrado (SOUZA, 2017), relacionando as contribuições da Psicologia histórico-cultural em intermediação com a Pedagogia histórico-crítica para esse processo, no intuito de realizar uma análise crítica à forma como a psicologia escolar e educacional tradicional tem contribuído para a patologização e medicalização dos processos educativos, além de apontar novas possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar. A crítica à atuação da Psicologia tradicional se respalda nas afirmações de autores quanto à necessidade de haver a mediação de uma teoria pedagógica histórico-crítica para respaldar a teoria e prática da psicologia escolar e educacional. Para tanto, nos respaldaremos em Vigotski (1996), Martins (2013), Saviani (2019), Patto (1987, 1997b, 2003), Viotto Filho (2012, 2018) e demais autores que têm contribuído com estudos sobre o tema.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação. Psicologia histórico-cultural. Pedagogia histórico-crítica.

### **Intervention-formative research in school psychology: contributions of historical-cultural psychology in intermediation with historical-critical pedagogy**

**ABSTRACT:** This article aims to present the results obtained in a master's research (SOUZA, 2017), relating the contributions of historical-cultural psychology in intermediation with historical-critical pedagogy for this process, in order to perform a critical analysis of the way school psychology and traditional education has contributed to the pathologization and medicalization of educational processes, besides to point out new possibilities for the psychologist to act in the school context. The criticism of the performance of traditional psychology is supported by statements of authors regarding the need for mediation of a historical-critical pedagogical theory to support school and educational psychology's theory and practice. To this end, we will rely on Vigotski (1996), Martins (2013), Saviani (2019), Patto (1984, 1997b, 2003), Viotto Filho (2012, 2018) and other authors who have contributed to studies on the topic.

**KEYWORDS:** Education. Historical-cultural psychology. Historical-critical pedagogy.

---

\* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista- UNESP, Presidente Prudente, SP. Psicóloga da Secretaria Municipal de Educação, Presidente Prudente, SP. Email: [fabianerizosalomao@gmail.com](mailto:fabianerizosalomao@gmail.com)

\*\* Doutor em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista -UNESP, Presidente Prudente, SP. Email: [tuimviotto@gmail.com](mailto:tuimviotto@gmail.com)

## Introdução

Desde o surgimento da Psicologia científica, no fim do século XIX, chegando até a atualidade, a atuação do psicólogo tem se baseado majoritariamente, em concepções psicologizantes e biologizantes a respeito do desenvolvimento humano, situação que alimenta a difusão de compreensões que rotulam e naturalizam os fenômenos humanos e sociais.

Estas concepções e respectivas práticas tem deixado um legado muito negativo no campo educacional que resulta em uma realidade alarmante e possível de observamos atualmente nas escolas. Vemos um número cada vez maior de estudantes que apresentam queixas de problemas de aprendizagem e comportamento no interior das escolas, sendo que muitos destes estudantes recebem um “diagnóstico” de sujeitos portadores de transtornos os mais variados e à eles são prescritos medicação psicotrópica com o intuito de melhorar seus comportamentos, atenção, concentração e memória sobretudo e ainda outras funções psíquicas relacionadas à aprendizagem escolar.

Diante desse cenário um tanto caótico e que requer a intervenção da psicologia, ao abordarmos aspectos envolvidos com a teoria e a prática do psicólogo escolar e educacional, precisamos retornar à história da Psicologia em nosso país, para assim compreendermos as vicissitudes desse processo que se materializa nas escolas e que precisa ser definitivamente superado.

Patto (2003, p.30) ressalta a importância de nos voltarmos para a história do fenômeno e assim compreendermos a sua constituição considerando as vicissitudes históricas que o compõem. A autora argumenta que a história é “unidade de passado, presente e futuro” e, neste sentido, para propormos novas possibilidades de futuro, se faz necessário entendermos o presente e conhecermos o passado e o conhecimento da história é necessário e imprescindível se desejamos ter uma visão das multideterminações da realidade.

Aponta Patto (2003) que o surgimento da Psicologia escolar ocorreu de forma simultânea às origens da psicologia científica, sendo que ela nasceu a partir da demanda de elaboração de instrumentos e conhecimentos científicos capazes de mensurar a subjetividade dos indivíduos e garantir a adaptação destes às regras e padrões sociais. Para a autora a análise da história da Psicologia comprova que ela não foi difundida no Brasil com neutralidade, mas com o objetivo de servir aos interesses da classe dominante.

Viotto Filho (2012) ao basear-se nos estudos de Antunes (1999) analisa o contexto histórico-social que favoreceu o encontro entre a Psicologia e a Pedagogia no meio educacional nas primeiras décadas do século XX, em que a Psicologia torna-se a ciência de apoio a Pedagogia, pois o Brasil rumava para um processo de massiva industrialização e necessitava capacitar a população em leitura, escrita e cálculos, para as atividades relativas à produção industrial. Como salienta Antunes (1999) a Psicologia por sua vez, encontra amplo terreno para desenvolver-se no plano da organização do trabalho, do atendimento clínico, assim como nos serviços de orientação infantil.

Antunes (1999) e Viotto Filho (2012) destacam que esses fatos históricos levaram ao surgimento dos primeiros psicólogos educacionais no Brasil e neste período, teorias pedagógicas tais como o escolanovismo ganham força na compreensão do processo de ensino e aprendizagem escolar. Nesse contexto, a Psicologia torna-se uma exigência para a Educação, fornecendo, sobretudo, subsídios teóricos e técnicos para instrumentalizar a ação educativa.

Considerando as reflexões de Bock (1999), Viotto Filho (2012, p.07) ressalta que a Psicologia, ao valorizar a criança como dotada de personalidade livre e autônoma, enfatizou suas necessidades e interesses espontâneos e criou o fenômeno da psicologização das questões escolares. Os psicólogos passaram a explicar as crianças na escola, sobretudo aqueles comportamentos tidos como ‘fora do padrão’, por meio de justificativas como inibição comportamental, bloqueio emocional, imaturidade psicológica, instinto agressivo, desvio de personalidade, transtorno mental, dentre outros rótulos que concretizavam o processo de naturalização e patologização dos fenômenos educacionais.

As reflexões de Patto (1984) reiteram que a Psicologia escolar ao constituir-se como área de saber e prática voltada à identificação e tratamento dos problemas dos sujeitos, torna-se uma ‘psicologia do escolar’ e atua sobre os sujeitos como se estes se constituíssem desvinculados das questões fundamentais presentes na educação. Para Viotto Filho (2012) torna-se necessária a crítica à essa forma de ‘psicologia do escolar’, pois evidencia-se aí a sua ideologia à serviço da classe dominante. Justamente por ser ideológica, essa forma de psicologia desconsidera as múltiplas determinações presentes no processo educativo e contribui para a construção de processos de culpabilização dos indivíduos e psicologização dos problemas escolares.

Viotto Filho (2012) ressalta que desde o final da década de 1970 a relação entre a Psicologia e a Educação tem sido objeto de crítica, devido aos seus conhecimentos metodológicos e teóricos basearem-se em aspectos adaptativos e psicologizantes acerca dos indivíduos. Neste sentido, o autor defende a necessidade de métodos de intervenção de natureza crítica e transformadora para a atuação do psicólogo escolar, tendo em vista uma nova forma de compreensão e ação da Psicologia nas escolas e outras instituições educativas.

Importantes obras e autores como Machado e Souza (1997); Tanamachi, Proença e Rocha (2000); Collares e Moyses (1994, 1997, 2013); Antunes e Meira (2003); Meira e Facci (2007); Mendonça e Miller (2006, 2010); Facci, Tuleski e Barroco (2009); Viotto Filho e Ponce (2012), dentre outros, tem desenvolvido estudos críticos acerca de como a Psicologia escolar e educacional construiu sua teoria e prática, o que contribuiu para um movimento de revisão e reestruturação de seus fundamentos e, certamente, além dos clássicos da Psicologia escolar, a leitura dos autores acima torna-se importante para aprofundamento acerca dessa perspectiva crítica para a psicologia.

Considerando esse breve resgate histórico acerca do surgimento da Psicologia no Brasil e seus desdobramentos no contexto escolar e educacional e o surgimento da vertente crítica em psicologia

escolar, partiremos para outro ponto a ser discutido, as contribuições da Psicologia histórico-cultural para a compreensão do psiquismo humano numa perspectiva crítica e dialética.

### **Fundamentos teóricos da Psicologia histórico-cultural**

Vygotski (1996) no ensaio intitulado “O significado histórico da crise da Psicologia”, escrito em 1927, expõe a fragmentação da ciência psicológica, constituída por uma diversidade de teorias e de objetos de investigação. Como destaca Martins (2013), o autor enfatiza a necessidade da criação de uma Psicologia geral a partir da superação da Psicologia como ciência multifacetada, com isto, resolvendo sua crise. Identificou lacunas nos fundamentos da Psicologia, especialmente na forma dualista de interpretar os aspectos do comportamento humano, por exemplo, dividindo-os entre biológico e cultural. Para atingir este objetivo Vygotski defendeu a formulação de uma Psicologia geral, tomando como base, os princípios filosóficos do materialismo histórico-dialético.

Vygotski (1996, p. 393) defende a elaboração de uma ciência geral, pois para o autor ela seria baseada nos princípios metodológicos universais que permitem explicar a realidade. Ele ressalta que “a dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência mais geral e universal até o máximo. Essa teoria do materialismo psicológico ou da dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral”.

Para Martins (2013) a partir destas concepções, Vygotski formulou os elementos principais a respeito da constituição do psiquismo humano, baseado no materialismo histórico-dialético, entendendo o psiquismo como imagem do real e como legado da existência social.

Asbahr (2011) também destaca o mérito de Vygotski em apropriar os fundamentos do materialismo histórico e dialético para mediar a construção da Psicologia histórico-cultural, pois com isso, possibilitou a apropriação da lógica dialética como forma de conhecimento capaz de entender o homem baseando-se na historicidade e na materialidade, assumindo uma concepção de ciência que se propõe não apenas em descrever a realidade, mas em explicá-la e transformá-la.

Foi no bojo da teoria Vigotskiana que autores como Meira (2007), Franco (2009), Asbahr (2012), Tuleski e Eidit (2007), dentre outros, tem realizado importantes estudos que contribuem com avanços para questões teóricas e práticas relacionadas a Psicologia escolar e em especial no que se refere às queixas de problemas de aprendizagem. Estes autores evidenciam as premissas da natureza histórico-social do ser humano e seu desenvolvimento enfatizando as condições sociais e concretas de sua existência e, neste sentido, entendem o psiquismo humano se constituindo no bojo das relações sociais, históricas e culturais.

Meira (2007) destaca que Marx ao analisar o homem como sujeito histórico e social, contribuiu efetivamente para que a Psicologia, a partir da compreensão Vigotskiana, avançasse às visões positivistas e naturalizantes do ser humano. No entanto, mesmo com o avanço teórico possibilitado por Vygotski e

estudos realizados por autores de sua escola, a Psicologia ainda caminha por diversos solos teóricos e continua se fragmentando, especialmente no campo educacional.

Essa triste realidade, como temos constatado em nossos trabalhos de pesquisa em escolas públicas, tem contribuído para o aumento de diagnósticos equivocados sobre as dificuldades escolares das crianças e intensificado o processo de medicalização desses sujeitos, situação que precisa ser combatida pois não podemos compartilhar desse abuso psicológico e médico cometido contra as crianças na escola.

Diante desta realidade, assim como Martins (2013), Meira (2012) e Saviani (2019), defendemos a mediação de uma teoria pedagógica histórico-crítica que se alinhe aos fundamentos da Psicologia histórico-cultural com intuito de possibilitar a articulação dos conhecimentos da Psicologia com as especificidades da Educação e, desta forma, avançarmos na compreensão das crianças na escola de forma a não as destituirmos de sua condição de sujeitos históricos e sociais e, portanto, fruto de relações sociais e educativas, sendo que, inclusive suas dificuldades de aprendizagem escolar, por exemplo, são fruto dessas relações sociais e educativas. Esse será o próximo ponto que abordaremos.

### **Psicologia histórico-cultural em intermediação com a Pedagogia histórico-crítica**

A Pedagogia histórico-crítica e a Psicologia histórico-cultural foram constituídas a partir dos princípios filosóficos do Materialismo histórico-dialético, como afirmou Martins (2013), e por isso veem o ser humano como um ser social, que se desenvolve por meio da atividade social. Nesse sentido, tais construtos teóricos e metodológicos apresentam as mediações essenciais para compreendermos a educação no seu movimento histórico-social; condição fundamental tendo para a proposição de uma perspectiva crítica de atuação do psicólogo na escola.

Em relação a essa articulação da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica, destacamos as palavras de Martins (2013, p. 142)

[...] a psicologia histórico-cultural contém elementos que podem subsidiar a educação escolar, todavia, ela não se configura como teoria pedagógica. Assim sendo, não compactuamos com proposições que fazem transposições imediatas desse aporte teórico-psicológico para o campo educação escolar. A nosso juízo, sua transposição para o campo educacional requer, necessariamente, a mediação de uma teoria pedagógica alinhada com seu núcleo teórico, qual seja: o desenvolvimento do psiquismo humano resulta da internalização dos signos da cultura, de sorte que o universo de significações disponibilizado aos indivíduos se impõe como esteira para sua efetivação. Encontramos esse alinhamento na pedagogia histórico-crítica.

Saviani (2019, p.185) ressalta as proposições de Vigotski a respeito das contribuições da educação escolar para o desenvolvimento do psiquismo humano. Ele reafirma que o ensino não segue o desenvolvimento, mas “o precede e empurra para diante”, tal como afirmou o autor em referência ao

esclarecer que o bom ensino se adianta ao desenvolvimento humano e favorece aprendizagens que alavancam a zona de desenvolvimento potencial dos sujeitos (VIGOTSKI, 1996).

Assim, Saviani (2019, p.185) afirma a reciprocidade na ação da pedagogia e da psicologia, sendo uma mediação da outra, possibilitando a formação humana e o desenvolvimento do psiquismo, com objetivo de “produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Meira (2012) também indicou a necessidade dessa ciência relacionar-se com uma teoria pedagógica e se respaldar nos fundamentos da Psicologia histórico-cultural, para fundamentar a atuação do psicólogo na escola, a partir da compreensão da natureza e especificidade da educação, com objetivo de contribuir para que a escola cumpra seu papel social, e ainda, auxilie os professores a compreenderem e removerem os obstáculos que colocam entre os sujeitos e o conhecimento, proporcionando processos de humanização e desenvolvimento do pensamento crítico.

Meira (2012, p.73) ainda destaca três contribuições fundamentais da Psicologia histórico-cultural para a atuação e reflexão crítica na educação, sendo a primeira, a luta por uma nova sociedade, pois devemos considerar que o ser humano se desenvolve socialmente e por conta das condições históricas concretas e verificamos que o desenvolvimento humano não ocorre com equidade em uma sociedade repleta de contradições sociais. O segundo ponto destacado pela autora refere-se a promoção de uma educação de qualidade para todos, entendendo-a como socializadora da cultura humana, ela torna-se “condição para a concretização da humanidade em cada homem”. O terceiro aspecto destacado envolve a consolidação de uma Psicologia do ser humano que apreenda os pressupostos da Psicologia histórico-cultural em resposta a necessidade urgente de um posicionamento crítico da Psicologia na sua relação com a Educação.

Enquanto proposta de consolidação dessa Psicologia Escolar crítica e histórico-cultural, torna-se crucial conhecer e apreender o cotidiano dos sujeitos participantes da escola, desde os professores e gestores, funcionários, estudantes e familiares, considerando as multideterminações e contradições que constituem a instituição escolar, suas relações sociais e educativas e, sobretudo, o processo de construção do psiquismo dos sujeitos no interior da escola numa perspectiva materialista histórico dialética que supere as visões naturalizantes desse processo.

Podemos pensar que cabe ao Psicólogo que atua na escola, a tarefa de desenvolver um olhar de caráter investigativo e interventivo, para compreender as características do processo de objetivação humana que se efetiva no seu interior, sobretudo a partir do trabalho educativo do professor e, além disso, oferecer possibilidades de acesso a uma formação crítica para os professores, como também aos estudantes e seus familiares, num movimento contínuo de formação e desenvolvimento humano no interior da escola.

Consideramos que o psicólogo crítico poderá, ao lado dos demais protagonistas do processo de formação humana na escola, principalmente os professores, assumir, o papel de sujeito ativo e

representativo, o qual, consciente de suas possibilidades de ação e de suas relações com o humano-genérico, poderá construir uma atuação com finalidades transformadoras, tanto das esferas subjetivas, quanto objetivas do sujeito e da realidade escolar.

Lançamos, assim, algumas possibilidades para se ampliar a discussão sobre a atuação do psicólogo escolar numa perspectiva crítica, sobretudo ao se pensar na sua contribuição ao lado dos professores e outros educadores que se encontram na escola, para a construção e transformação da realidade objetiva e subjetiva dos sujeitos que encontram-se na escola, como também contribuir para a transformação da escola na sua estrutura e dinâmica e conseqüentemente, da própria sociedade.

É nessa perspectiva, portanto, que defendemos que a escola precisa ser transformada qualitativamente e salientamos, por meio da organização coletiva dos sujeitos que dela participam, como afirma Viotto Filho (2019), os quais, apropriados de teorias críticas tais como a Psicologia histórico-cultural e a Pedagogia histórico-crítica, poderão efetivar práticas críticas transformadoras dos seres humanos e da sociedade.

Diante da constatação dos problemas presentes na escola atual e relacionados ao alto índice de diagnósticos psicopatologizantes e a intensificação no uso de medicação pelos estudantes, enfatizamos a importância da Psicologia escolar avançar criticamente em sua atuação e compreensão das crianças, principalmente daquelas que encontram dificuldades de aprendizagem, como síntese de múltiplas determinações sociais, históricas e culturais existentes nos processos educacionais. Apropriado do conhecimento teórico histórico-crítico, o psicólogo poderá avançar à impressão imediata dos fenômenos que se apresentam na escola e nas queixas escolares e reconhecer os indivíduos para além das aparências e valorizar aquilo que é a essência humana.

Neste sentido e em defesa de uma Educação escolar que almeja a transformação humana e social, realizamos um processo de pesquisa intervenção-formativa em uma escola pública, a partir de uma pesquisa de mestrado Souza (2017), que teve o objetivo de romper com concepções naturalizantes e a-históricas sobre o desenvolvimento humano, como temos enfatizado neste texto. A seguir descreveremos brevemente como o processo foi realizado e apresentaremos alguns resultados obtidos.

### **Possibilidades teórico-práticas da Psicologia escolar: relato de um processo de pesquisa-intervenção formativa na escola**

O processo de pesquisa intervenção-formativa foi realizado em uma escola da Rede Municipal de Educação de Presidente Prudente/SP. Os sujeitos participantes da pesquisa foram os estudantes de uma sala de aula do terceiro ano do Ensino Fundamental, os professores e as gestoras da escola. As intervenções formativas ocorreram de fevereiro à dezembro de 2016, com os professores e gestoras em encontros semanais, durante as HTPCs e com os estudantes, também em encontros semanais, em sala de aula e na quadra da escola.

Os responsáveis pelo processo de pesquisa intervenção foram a psicóloga-pesquisadora, orientador da pesquisa, equipe interdisciplinar do Centro de Avaliação e Acompanhamento (C.A.A.), membros do Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e teoria histórico-cultural (GEIPEE-the), da FCT/UNESP, professora e estagiários do curso de Psicologia de outra universidade.

Ressaltamos que o (C.A.A.) citado acima, constitui-se em um serviço da Secretaria Municipal de Educação de Presidente Prudente/SP, formado por uma equipe interdisciplinar, com atribuição de avaliar e acompanhar os estudantes que apresentam queixas de problemas de aprendizagem (MASUYAMA; RIZO SALOMÃO, 2019).

Adotamos o termo intervenção baseado em Damiani (2012), Machado (1997), Viotto Filho (2005), dentre outros, os quais utilizam este conceito para definir os seus trabalhos e pesquisas voltados e realizados na escola. Esse termo intervenção tem sido historicamente utilizado na proposição de atividades *in loco*, nas quais os sujeitos têm participação ativa ao lado dos pesquisadores.

Neste sentido, o conceito de pesquisa-intervenção formativa define a natureza do trabalho realizado, o qual os pesquisadores desenvolveram junto aos sujeitos da escola, enfatizando um processo coletivo de trabalho. Segundo Viotto Filho (2018, p.33) a pesquisa intervenção-formativa

não limita-se à proposições pontuais de transformação da realidade, como na pesquisa-ação, mas avança e configura-se como um processo grupal de pesquisa, construído coletivamente e a longo prazo, que deve considerar a escola e as relações sociais no seu movimento contraditório e composto por múltiplas determinações, com a finalidade de transformar essa instituição desde a sua estrutura e dinâmica, como apregoa o materialismo histórico-dialético.

O processo de pesquisa-intervenção formativa teve como objetivo geral apresentar as possibilidades de atuação do psicólogo na educação em uma perspectiva crítica, realizando um processo de intervenção de natureza histórico-cultural na escola, com intuito de possibilitar a construção de um espaço de ação, reflexão e ação desde o interior da escola pública e construído ao lado dos sujeitos que dela participam, sobretudo os educadores, que tornam-se os protagonistas desse processo mas também junto aos estudantes e, quando possível, com seus pais e familiares.

Os objetivos específicos basearam-se em promover reflexões a respeito dos problemas vividos no cotidiano da escola, junto aos professores e gestoras, especialmente sobre as queixas escolares, no intuito de modificar concepções cristalizadas e naturalizantes.

Além desse trabalho, foi realizado simultaneamente, um processo de intervenção educativo com os estudantes, no intuito de estimular a aprendizagem e o desenvolvimento dos mesmos, rompendo com o modelo de atuação clínico-psicológica tão presente na psicologia escolar.

No processo de pesquisa-intervenção formativa com os professores e com as gestoras, foram desenvolvidos estudos e discussões a respeito do fracasso escolar, problemas de aprendizagem, estratégias de ensino e aprendizagem, fundamentos teóricos da Pedagogia histórico-crítica e da Psicologia histórico-cultural, entre outros, sempre acompanhadas de reflexões e discussões coletivas. Os temas abordados



partiram do levantamento realizado com o grupo no primeiro encontro realizado na escola e também das necessidades que emergiram no decorrer do processo.

Os sujeitos da escola não participaram da etapa inicial de planejamento, no entanto, ao término de cada encontro realizado, isso desde o primeiro encontro, era feita uma avaliação dialogada a respeito do tema discutido, momento em que eram colhidas sugestões dos sujeitos participantes para os encontros seguintes. Com estas avaliações dialógicas em processo, era possível acompanhar a opinião do grupo acerca dos encontros de intervenção e assim possibilitar que manifestassem sua opinião, realizassem críticas e oferecessem sugestões, tornando-se assim, sujeitos do processo.

Foram utilizados como estratégias durante os encontros com os professores e gestoras, a leitura e estudo de textos da Pedagogia histórico-crítica e Psicologia histórico-cultural a respeito do trabalho educativo e desenvolvimento do psiquismo humano, estudo de caso oriundo da literatura psicológica abordando dificuldades de aprendizagem e estratégias de ensino, projeção do filme “A maçã” abordando a importância da mediação nas relações sociais como essencial ao desenvolvimento humano, dinâmica de grupo com objetivo de estimular a interação e cooperação entre os participantes, exposição de temas de interesse do grupo e oriundos da vivência em sala de aula, atividade de escrita em grupo sobre os temas desenvolvidos e discussão coletiva.

As intervenções com os estudantes ocorreram em encontros semanais com a duração de duas horas. A sala de aula pesquisada foi indicada pelas gestoras da escola, devido os estudantes apresentarem problemas de aprendizagem e defasagem significativa na apropriação da leitura e escrita, pois não estavam alfabetizados, além de manifestarem agitação, agressividade, indisciplina, e desatenção, conforme avaliação das gestoras. Alguns estudantes haviam sido avaliados por especialistas da área da saúde e possuíam diagnósticos de TDAH, Transtorno de conduta e TEA, dentre outras queixas de comportamento escolar.

As atividades junto aos estudantes foram planejadas e orientadas pelos membros do GEIPEE-thc da FCT/UNESP-Presidente Prudente/SP, por dois estagiários do curso de psicologia de outra universidade e pela psicóloga-pesquisadora. Foram utilizadas atividades ludo-pedagógicas (VIOTTO FILHO, 2018), com a proposta de criar um espaço diferenciado e lúdico de aprendizagem e desenvolvimento na escola. Foram realizadas atividades de desenho, massa de modelar, recorte e colagem, dinâmicas de grupo, circuito em quadra, leitura e escrita, projeção de filme, criação de personagem, elaboração e apresentação de um teatro, todas essas atividades com objetivo de possibilitar condições favoráveis ao processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes (SOUZA, 2017).

A professora da sala de aula acompanhou e participou de todas as atividades, incorporando as orientações e atividades realizadas em sua prática pedagógica com os estudantes.

Para descrever e analisar o processo de intervenção na escola, a psicóloga-pesquisadora e membros do GEIPEE-thc, realizaram a observação de todas as atividades, participando dos encontros com os estudantes, acompanhando as atividades desenvolvidas, as ações dos sujeitos e fazendo o registro

em diário de campo e relatórios descritivos, sendo que as atividades e seus resultados eram discutidas com o orientador da pesquisa semanalmente.

Salientamos que em nenhum momento da intervenção houve a preocupação em classificar ou diagnosticar os estudantes, mas sim, de estimular ações evidenciando suas potencialidades, rumo ao seu pleno desenvolvimento, reconquista da auto-estima e autoconfiança, retomada do prazer de estudar e aprender, sempre valorizando as conquistas, desde as mais simples, na direção do resgate da condição de estudantes ativos e sujeitos do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento na escola.

## **Discussão e apresentação de resultados**

Identificamos no início do processo de pesquisa-intervenção, que as gestoras e professores apresentavam concepções preconceituosas e naturalizantes a respeito dos estudantes e suas famílias, que desconsideravam os fatores histórico-sociais determinantes na vida escolar dos estudantes e suas famílias. Estas concepções bastante cristalizadas, demonstraram a presença de mecanismos de culpabilização e rotulação dos estudantes, assim como de discriminação de suas famílias, situações que interferem de forma negativa na construção de concepções dos estudantes sobre si mesmos, sua auto-imagem, auto-conceito e estima, dificultando, desta forma, o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento na escola.

Observamos que as gestoras e os professores tinham dificuldade para desenvolver um trabalho coletivo, além de não demonstrarem disponibilidade para discutir sobre o trabalho pedagógico realizado na escola, dentre outras dificuldades relacionadas ao seu processo de formação, assim como sobre a alienação presente no cotidiano escolar e incidente em suas práticas pedagógicas.

No transcorrer do processo de pesquisa-intervenção formativa, verificamos mudanças nas ações dos sujeitos, tanto dos professores e gestoras, como também dos estudantes, especialmente no que se refere as relações sociais, disponibilidade para o trabalho em grupo e diminuição da resistência quanto a efetivação do processo de intervenção na escola.

Ao término dos encontros de intervenção, identificamos mudanças qualitativas nas gestoras, professores e estudantes, resultantes do envolvimento e da participação nos estudos, discussões e atividades coletivas realizadas durante os encontros de intervenção. Verificamos mudanças nos professores e nas gestoras, quanto as concepções em relação as dificuldades dos estudantes, trabalho coletivo desenvolvido por eles e quanto a organização do trabalho pedagógico.

Em relação aos estudantes, as gestoras e a professora da sala, apontaram avanços significativos no processo de aprendizagem, especialmente a respeito da alfabetização, além de melhora qualitativa nas ações e comportamento na escola.

No entanto, sabemos que as mudanças não se efetivam de forma homogênea em um grupo, pois elas resultam de condições subjetivas de cada sujeito participante, assim como estão condicionadas pelas

relações sociais e históricas construídas em cada respectivo grupo e decorrentes das relações sociais presentes na própria sociedade.

## **Conclusão**

Ao analisarmos os resultados obtidos e nos apoiando em estudos da área, concluímos que para o psicólogo escolar desenvolver uma prática crítica é fundamental que ele compreenda os fenômenos que se manifestam na escola, não apenas no plano individual e centrado no estudante, mas sim, como processo de escolarização, como afirma Souza (2009), constituídos pelas dimensões institucional, pedagógica e relacional. Sua atuação também deve se desprender do enquadramento clínico, da utilização de testes e voltar-se para as relações sociais que se produzem na escola, reconhecendo os indivíduos como síntese dessas múltiplas determinações.

Propomos por meio do processo de pesquisa intervenção-formativa conhecermos as características dos sujeitos e as dificuldades que se manifestavam na escola em sua concretude, e por meio da realização de atividades desenvolvendo e de estudo coletivo, verificamos mudanças nas concepções e nas relações sociais entre esses sujeitos participantes do processo.

Neste sentido, concordamos com Souza (2009) ao afirmar que atuar em uma perspectiva histórico-crítica possibilita ao psicólogo entender o papel da escola e seu potencial para transformar as consciências dos sujeitos nela inseridos, é por esse motivo que verificamos a importância de uma atuação crítica na escola e que proporcione a transformação do indivíduo e da sociedade, avançando do ser para o dever-ser como afirma Oliveira (1996). Constatamos pelos resultados obtidos que apenas com a atuação baseada em concepções histórico-sociais a respeito do desenvolvimento humano, que poderemos romper com os estigmas e a produção de pseudo-diagnósticos que atualmente vemos ocorrendo em nossas escolas.

**REFERÊNCIAS**

- ANTUNES, M.A.M. **A Psicologia no Brasil: Leitura histórica sobre sua constituição**. São Paulo: Unimarco / EDUC, 1999.
- ANTUNES, M. A. M.; MEIRA, M.E.M. **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- ASBAHR, F.S.F. Novas velhas explicações sobre o fracasso escolar. In: **Psicologia & Educação: perspectivas críticas para a ação psicopedagógica** (VIOTTO FILHO, I.A.T.; PONCE, R.F.-Org). Birigui: Boreau, 2012.
- BOCK, A. M. B. **Aventuras do Barão de Munchhausen na psicologia**. São Paulo: Cortez, 1999.
- COLLARES, C. L., ; MOYSÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em **espaço** clínico (A Patologização da Educação). **Série Ideias** (23), São Paulo, FDE, 25-31. 1994.
- COLLARES, C. L.; MOYSÉS, M. A. A. Inteligência Abstraída, Crianças Silenciadas: as Avaliações de Inteligência. **Psicologia: USP**, vol. 8. n 1. São Paulo, 1997. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641997000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100005). Acesso em: 20 de abril de 2017.
- COLLARES, C. L.; MOYSÉS, M. A. A. Controle e medicalização da infância: controlar é preciso. Número 1, ano 1. **Temas em destaque**. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/viewFile/2456/2090>. Acesso em: 03 de maio de 2017.
- DAMIANI, M. F. Sobre pesquisas do tipo intervenção. In: ENDIPE – **Encontro nacional de didática e práticas de ensino**, 16., 2012, Campinas. Anais Campinas: Junqueira e Marins Editores, 2012. Livro 3. p. 002882.
- FACCI, M. G. D.; TULESKI, S. C.; BARROCO, S. M. S. (Orgs.). **Escola de Vigotski: contribuições para a Psicologia e a Educação**. Maringá: Eduem, 2009.
- FRANCO, A. F. Reflexões em torno do encaminhamento da queixa escolar e a produção do fracasso escolar franco In: **IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE- PUC, PR**. p. 5181-5187, 2009.
- MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (Orgs.). **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 87-100.
- MACHADO, A. M. Relato de uma intervenção na escola pública. In: MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (Orgs.). **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 87-100.
- MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo humano e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013.

MASUYAMA, P. M. K. ; RIZO SALOMÃO, F. **Interdisciplinaridade e educação**: aprendizagem e desenvolvimento humano. Contribuições para uma educação para todos. São Carlos: Pedro & João editores, 2019.

MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. **Psicologia escolar**: teorias críticas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

MEIRA, M. E. M. FACCI, M. G. D. (Orgs.). **Psicologia histórico-cultural** : contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2007.

MEIRA, M. E. M. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a psicologia da Educação In: VIOTTO FILHO; PONCE (orgs). **Psicologia & Educação**: perspectivas críticas para a ação psicopedagógica. Birigui: Boreal, 2012.

MENDONÇA, S. G. L.; MILLER, S. **Vigotski e a escola atual**. Araraquara: JM, 2006.

MENDONÇA, S. G. L.; MILLER, S. **Vigotski e a escola atual**. 2.ed. Araraquara: JM, 2010.

OLIVEIRA, B. **O Trabalho Educativo**. Campinas: Autores Associados, 1996.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PATTO, M. H. S. O que a história pode dizer sobre a profissão do psicólogo: a relação Psicologia-Educação. (pp.29-36). In: Bock, A.M.B.: **Psicologia e o compromisso social**, Cortez: São Paulo, 2003.

PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1984.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano**: novas aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

SANNINO, A. Activity theory as an activist and interventionist theory. **Theory & Psychology**, v. 21, p. 571-597, 2011. <https://doi.org/10.1177/095935114185>

SOUZA. M. P. R. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 1, p.179-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572009000100021>. Acesso em: 05 de junho de 2017.

SOUZA, F. S. **Processo de intervenção histórico-cultural na escola: dialogando com gestores, professores e estudantes**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, 2017. 239f.

TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. (Orgs.) **Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.

TULESKI, S. C.; EIDT, N. M. Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, pp. 531-540, set./dez., 2007.

VIOTTO FILHO, I. A. **Psicologia escolar e psicologia social-comunitária**: diálogos para a construção de uma perspectiva crítica de atuação do psicólogo na escola. 2005. Tese (Doutorado em Educação/Psicologia da Educação) – Programa de Psicologia da Educação, PUC/SP, São Paulo, 2005.

VIOTTO FILHO, I. A. T.; PONCE, R. F. (Orgs.). **Psicologia e educação: perspectivas críticas para a ação psicopedagógica**. 1. ed. Birigüi, SP: Boreal Editora, 2012.

VIOTTO FILHO, I.A.T. **Processo grupal e construção coletiva do conhecimento: A história do GEIPEE thc**. In. VIOTTO FILHO, I. A. T.; NUNES, R. L.; SANTOS, A. A. N.; FELIX, T. S. P. *Processo grupal e práxis científica educativa: a história do GEIPEE thc*. São Carlos: Pedro e João, 2018.

VIOTTO FILHO, I.A.T. **Escola-comunidade: educação escolar crítica na direção da humanização e transformação social** (Tese de Livre docência). Presidente Prudente: UNESP, 2019.

VIGOTSKI, L.S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

*Recebido em: 02 de junho de 2020.  
Aprovado em: 20 de junho de 2020.*